



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE BAHIA
ESCOLA DE TEATRO
SUPERINTENDÊNCIA DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA
LICENCIATURA EM TEATRO EAD**

IAGO CLEITON LIMA DE CARVALHO

**CONSTRUINDO CAMINHOS PARA VIDAS FUTURAS DE
COMUNIDADES PRETAS ATRAVÉS DO TEATRO EM
POJUCA-BA**

ALAGOINHAS
2024

IAGO CLEITON LIMA DE CARVALHO

**CONSTRUINDO CAMINHOS PARA VIDAS FUTURAS DE
COMUNIDADES PRETAS ATRAVÉS DO TEATRO EM
POJUCA-BA**

Trabalho de Conclusão de Estágio apresentado
à Escola de Teatro da Universidade Federal da
Bahia, como requisito para a obtenção de grau
de licenciado em Teatro.

Orientador: Prof. Domingos Sávio Farias de
Albuquerque Júnior.

ALAGOINHAS
2024

IAGO CLEITON LIMA DE CARVALHO

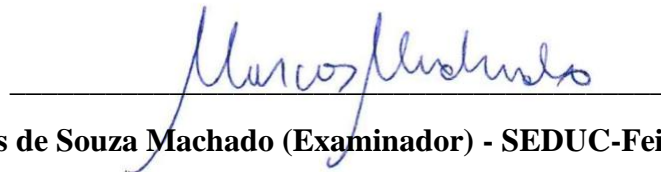
**CONSTRUINDO CAMINHOS PARA VIDAS FUTURAS DE
COMUNIDADES PRETAS ATRAVÉS DO TEATRO EM POJUCA-BA**

Aprovado em: 30 / 10 / 2024

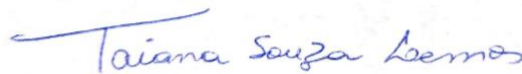
BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Domingos Sávio Farias de Albuquerque Júnior (Orientador) - URCA



Prof. Me. Marcos de Souza Machado (Examinador) - SEDUC-Feira de Santana/BA



Profa. Ma. Taiana Souza Lemos (Examinadora) - SMED-Salvador/BA



Prof. Esp. Vonei Campos Nascimento (Examinador) - SEC-BA

RESUMO

Este trabalho abordou as vivências durante a Licenciatura em Teatro a distância da Universidade Federal da Bahia (UFBA), mais especificamente nos estágios supervisionados. O primeiro estágio foi somente de observação, enquanto o II e III foram imersivos, realizados em ambiente formal e em ambiente não formal, respectivamente, no município de Pojuca-BA. As oficinas de teatro tiveram como intuito fomentar a criação artística no município e oportunizar à juventude pojucana o desenvolvimento de suas potencialidades artísticas, experimentando o teatro como uma ferramenta para melhorar sua forma de se expressar na escola, na família e na comunidade. Esta narrativa analisou a importância do teatro como ferramenta de expressão e integração na comunidade, com uma metodologia que destaca o negro na sociedade, colocando em prática oficinas sobre memória e identidade, e reflexões que culminaram nas produções “*Pretas de Angola*” e “*14 de maio*”, sendo esta última apresentada na mostra artística final dos estágios, entrelaçando memórias. Considerei também a minha vivência na oficina de performance negra junto ao Bando de Teatro Olodum. Este estudo trouxe, ainda, os desafios e benefícios da prática teatral em contextos de comunidades pretas e buscou auxiliar as alunas e alunos participantes no enriquecimento cultural e o fortalecimento dos laços comunitários, por meio de vivências com o teatro e o audiovisual, promovendo inclusão e transformação nas comunidades do interior.

Palavras-chave: Pedagogia do teatro; comunidades pretas; juventude pojucana; identidade; Bando de Teatro Olodum.

ABSTRACT

This work addressed the experiences during the Theater Degree at the Federal University of Bahia (UFBA), specifically in the supervised internships. The first internship involved only observation, while the second and third were immersive, carried out in formal and non-formal environments, respectively, in the city of Pojuca-BA. The theater workshops aimed to foster artistic creation in the city and provide opportunities for the youth of Pojuca, expanding their artistic potential and experimenting with theater as a tool to improve their expression at school, in the family, and within the community. This narrative analyzed the importance of theater as a tool for expression and integration in the community, employing a methodology that highlights the role of black people in society. Workshops focused on memory and identity led to the final productions "*Pretas de Angola*" and "*14 de Maio*," the latter being showcased at the final artistic exhibition of the internships, intertwining memories. I also reflected on my experience in the black performance workshop with the Bando de Teatro Olodum. This study also addressed the challenges and benefits of theater practice in black community contexts and sought to help participating students enrich their culture and strengthen community bonds through experiences with theater and audiovisual media, promoting inclusion and transformation in rural communities.

Keywords: Theater pedagogy; black communities; Pojuca youth; identity; Olodum Theater Band.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, minha riqueza. À minha mãe Rita de Cássia, pelo amor. Ao meu pai, Antônio William, pela coragem. A toda minha família, pelos diálogos, incentivos e por sempre estarem ao meu lado quando precisei, por sempre ter segurado a minha mão e me fortalecido quando pensei em desistir.

Agradeço à comunidade onde resido, pelo carinho, pelos cuidados e pelo olhar de proteção, tenho esse pertencimento de retornar tudo que aprendi para minha comunidade, essa que se tornou o meu palco.

Agradeço ao professor Sávio Farias, pela calma na orientação e encorajamento para conclusão deste estudo. Aos colegas de classe que sempre estiveram presentes nos desafios diários, em especial a Sérgio Lima que me acolheu como parceiro nesta jornada.

Agradeço à banca examinadora: professora Taiana Lemos, professor Marcos Machado e professor Vonei Campos pela participação neste momento importante da minha formação.

À Universidade Federal da Bahia que abriu as portas para esse universo fantástico que é a arte.

Meus agradecimentos a todos aqueles que vibraram e emanam energia pela minha trajetória artística e acadêmica. Agradeço à arte que me escolheu para viver a experiência mais extraordinária que é ser artista e, agora, multiplicador.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Espetáculo “*Cozinha Musical*” - Página 08

FIGURA 2 - Estágio de observação no Colégio Magalhães Neto - Página 09

FIGURA 3 - Bastidores da gravação do curta “*Pretas de Angola*” - Página 13

FIGURA 4 - Oficina no NIT, Estágio III - Página 16

FIGURA 5 - Cena final do espetáculo “*14 de maio*” - Página 19

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|-----------|
| 1 | INÍCIO DA JORNADA - In6 | |
| 1.1 | ESTUDOS E PESQUISAS - REFERENCIAL TEÓRICO | |
| | 11 | |
| 2 | A ESTRADA - Desenvolvimento | 12 |
| 2.1 | TIJOLOS AMARELOS | 12 |
| 2.2 | CIDADE DAS ESMERALDAS | 15 |
| 2.2.1 | Não há lugar como nosso lar | 17 |
| 3 | FRAGRÂNCIAS DE UMA AVENTURA: O QUE PERMANECE | 23 |
| | REFERÊNCIAS -Conclusão | 22 |
| 4 | REFERÊNCIAS | 25 |

1 INÍCIO DA JORNADA - INTRODUÇÃO

Eu me chamo Iago Cleiton lima de Carvalho. Meu nome artístico é Iago Vazmendiny. Eu sou filho de uma professora aposentada e de um armador no ramo da construção. Nasci e me criei no interior da Bahia na cidade de Pojuca. Nos estudos, eu sempre estudei em escola pública. E o meu primeiro contato com a arte foi ainda quando criança, ao assistir pelas ruas de Pojuca a maior manifestação cultural popular da cidade, o cortejo dos *Bois Janeiro*¹: o de Dona Lindú, mestra da cultura popular pojucana e que durante toda sua caminhada contribuiu para a cultura da cidade sendo um símbolo de luta e resistência para todos os Pojucanos; e o boi de Sr. Carrapeta também mestre da cultura de Pojuca. Os bois se encontravam no centro da cidade no Dia de Reis, fazendo daquele encontro uma grande festa, com samba de roda, maculelê e capoeira.

O município de Pojuca - Bahia fica localizado na região metropolitana de Salvador. É uma cidade formada por áreas urbanas e rurais e tem uma população de aproximadamente 32 mil habitantes, segundo os dados do IBGE (2022). A economia local é instável e encara problemas na geração de emprego e renda. A arte e a cultura exercem um papel fundamental para estimular a criatividade. Como os espaços culturais são poucos, os artistas realizam encontros, festivais, saraus, para fortalecer uma ligação com toda comunidade, mesmo que a cidade enfrente desafios socioeconômicos, manter as suas tradições é uma das missões dos artistas locais para criar novas oportunidades de inclusão.

Ainda na infância me recordo que a cultura *pop* e a televisão me encantavam. Eu ficava horas assistindo novelas, filmes e me via naquelas produções, mesmo que naquela época eu tivesse poucas referências de artistas negros, os meus olhos já brilhavam para as artes cênicas. Hoje eu me reconheço como um artista preto, e sendo protagonista em produções, tudo graças ao teatro que me proporcionou essa visão crítica de reconhecimento. Também hoje através do teatro eu tenho a missão de encorajar jovens que sonham em fazer artes cênicas, podendo ser eu uma referência artística para eles. No meu município, eu tenho olhado para as múltiplas perspectivas e possibilidades de abrir espaços para a juventude, pedindo licença aos meus mais velhos e mais velhas que tanto contribuíram para o povo Pojucano.

Iniciei as minhas atividades artísticas aos quatorze anos em 2007. Eu estava no Ensino Médio e recordo que tive o incentivo de Jeovan Castro que é artista plástico e professor da rede pública do município. Quando eu assisti pela primeira uma peça de teatro, lembro que eu e meus colegas de sala tivemos resistência para ir assistir à peça e o Prof. Jeovan falou: “*Se não*

¹ Trata-se de manifestações culturais das tradições de bois e reisados que ocorrem anualmente no dia 06 de janeiro.

for para o teatro vai perder pontos na matéria de artes”, eu fui e assisti a peça “Braseiro” do dramaturgo Marcos Barbosa. Foi amor à primeira vista, eu estava em êxtase ao término da peça, e ali nas poltronas do Centro de Cultura de Pojuca, eu decidi que queria ser artista. Os movimentos teatrais nas cidades circunvizinhas foram fundamentais para enriquecer meu conhecimento. A partir daquele momento passei a participar de todos os fóruns, oficinas, *workshops*, encontros e festivais de teatro que me foram possíveis. Todo esse contato ocorreu de forma gratuita, pois eu não tinha condições financeiras para estar nos grandes centros, então eu aproveitava tudo de gratuito que estava acontecendo em outras cidades, como por exemplo Alagoinhas e Mata de São João. Pois, em Pojuca não havia a oferta de formação em teatro e eu tinha muita sede de aprender.

Foi assim que junto com alguns amigos do ensino médio montamos, no ano de 2008, um grupo teatral chamado “Traços, Riscos e Rabiscos” para experimentar textos, poesia, música e compartilhar as experiências adquiridas até ali. Nesse trajeto desenvolvemos vários saraus, encontro, peças e o premiado espetáculo “Cozinha Musical” (Fig. 1) que surgiu com elementos da música, dança e teatro e de forma bem-humorada falávamos sobre reeducação alimentar. Ganhamos o 3º lugar como melhor espetáculo no Fórum Intermunicipal de Teatro Amador (FITA), que aconteceu em Camaçari-BA, no teatro Alberto Martins. Os contatos e *networks* ali estavam se fortalecendo, criando uma rede física de jovens que falavam a mesma língua.

De lá para cá, desenvolvi a arte de escrever e em 2009 montamos o espetáculo infantil de minha própria autoria chamado “Noite Feliz”; em 2010 participamos da montagem da peça “Calos” com a direção de Diego Alcântara; em 2011 comecei a estudar Televisão e cinema em Salvador; em 2013 participei pela primeira vez de uma produção nacional como elenco de apoio na microssérie “O canto da sereia”, da Rede Globo. No ano de 2015, me tornei ator profissional pelo Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões no Estado da Bahia (SATED-BA) e a Delegacia Regional do Trabalho, através dos meus esforços. Reforço que toda minha formação desde o início até tirar DRT aconteceu em espaços não formais, e esses espaços são importantíssimos e necessários para formação artística em teatro.

Figura 1. Espetáculo “Cozinha Musical”, os atores Tom Guimarães e Iago Vazmendiny



Fonte: Acervo pessoal, agosto de 2009.

Em 2017 criei o espetáculo “Dona Maria”, dirigido por Railton Coelho; a peça transporta para os palcos, com muito humor, o cotidiano de uma mãe solteira e sem “*papas na língua*”. O espetáculo convida o espectador a entrar na casa da protagonista, sentar-se no sofá e ouvir as histórias mais hilárias e desatinadas, muitas advindas de vivências reais de mulheres que me inspiraram a criar a personagem principal dessa dramaturgia. O contexto histórico do espetáculo em forma de monólogo e *stand-up comedy*, interpretada por mim, é a contemporaneidade. Sendo a única personagem em palco uma mulher baiana, mãe e pobre, a apresentação inteira acontece em um espaço em que as pessoas recebem as visitas em suas casas, ou seja, na sala de estar. A estrutura humilde e bem cuidada que Railton Coelho propõe na peça é a chave para esta intimidade, causando reflexões no público e despertando a mensagem de que todos têm importância e que também somos protagonistas das nossas salas de estar.

No ano de 2020 iríamos iniciar uma turnê regional quando a pandemia da covid-19 causada pela disseminação do coronavírus iniciou e interrompeu as nossas atividades. Então, decidimos produzir o material para internet. A recepção do público foi positiva, principalmente na minha rua, que se tornou o meu palco das gravações. Hoje já somamos mais de 200 milhões de visualizações nas redes sociais. Naquele mesmo ano, realizei meu grande sonho de entrar na Universidade Federal da Bahia, e cursar a Licenciatura em teatro. Ingressar na UFBA era um sonho de menino e um fôlego para suportar todo aquele caos que o mundo estava passando com a pandemia. Durante a minha caminhada acadêmica me conectei com alguns componentes que

fortaleceram o meu desenvolvimento profissional, tais como: Contação de História: criação de narrativa e oralidade, que foi essencial para criação de narrativas e para a habilidade de se comunicar de forma cativante; no componente Fundamentos da Cenografia eu pude aprimorar os projetos cenográficos dos meus espetáculos, junto com Fundamentos da Iluminação e Visualidades da Cena: Figurino e Maquiagem. Neste último, eu pude pesquisar e mergulhar em novas possibilidades nas quais a tecnologia pode estar tanto em sala de aula quanto também em cena.

Os objetivos desta pesquisa foram: revisar minha trajetória enquanto artista e professor de teatro em formação e refletir sobre as minhas experiências e aprendizados ao longo da minha jornada. Além disso, também busquei identificar os principais desafios e oportunidades que encontrei nos caminhos e como eles influenciaram a minha formação e prática como artista e professor. Assim, eu pude contribuir para formação teatral de adolescentes e jovens da cidade de Pojuca, considerando a escassez desse tipo de formação na cidade.

Ao revisitar a minha trajetória, pude perceber que a minha paixão pelo teatro e pela educação começou há muitos anos, quando eu ainda era um estudante. Desde então, venho buscando aprimorar minhas habilidades e conhecimentos em ambas as áreas, tanto como artista e principalmente como professor. Tive a oportunidade de pôr em prática algumas de minhas experiências, que de certa forma auxiliaram os jovens e adultos a desenvolverem suas ideias, suas emoções e visão crítica do mundo como as questões raciais no Brasil. Ao longo da minha formação, tive a oportunidade de trabalhar com diversos professores, que me transmitiram valiosos ensinamentos e me inspiraram a continuar buscando a excelência na minha arte e na minha prática docente levando para sala de aula.

Nos últimos semestres da UFBA eu pude desenvolver os três estágios na minha cidade. Isso foi de grande relevância para mim, além de ter a oportunidade de compartilhar os conhecimentos com a professora supervisora Mariana Lima² que também é de Pojuca. Foi um presente, voltar a cena no meu próprio município como professor, artista e pesquisador e somar com todo conhecimento que venho adquirindo. Isso para mim não tem preço!

Como eu já mencionei antes, a minha experiência teatral teve início no Centro Cultural de Pojuca. Há dez anos aquele espaço estava em chamas no incêndio, ou seja, durante uma década muitos jovens deixaram de despertar o interesse pelo teatro por falta de um espaço de

² Mariana das Virgens Lima é professora da escola municipal Prof. Francisco Magalhães Neto e professora do Núcleo de Iniciação Teatral (SECTELJ). Graduada em Produção Audiovisual (Unijorge); Bacharela em Artes Cênicas com habilitação em Direção Teatral (UFBA); Licenciada em Teatro (UFBA) e especialista em Psicopedagogia Institucional e Educação Especial (Unijorge).

incentivo. A minha geração foi muito feliz naquele palco. Eu, Sérgio Lima, que é colega de curso, e Mariana Lima estamos no maior desafio de nossas vidas, estamos aquecendo a chama da arte de interpretar no cenário municipal, estamos virando a chave e tendo como concorrência as novas mídias digitais, as redes sociais. Diante dessa situação, ao longo dos três estágios em parcerias com Sérgio Lima, sempre estivemos alinhados com as atividades, que se utilizam do audiovisual como um atrativo para os estudantes no ensino de Teatro.

Figura 2. Estágio de observação no Colégio Magalhães Neto, Iago Vazmendiny, as alunas e a professora Mariana Lima



Fonte: Acervo pessoal, março de 2023.

Em paralelo ao estágio III, eu participei das oficinas de Performance Negra, do Bando de Teatro Olodum. Aprender com o Bando novas técnicas e métodos foi marcante para minha pesquisa, especialmente no estudo do Teatro negro. Na minha metodologia no estágio eu pude trabalhar elementos que aprendi e vivenciei no processo com o Bando, como memória identidade, ancestralidade, e a forma de se comunicar com as pessoas pretas, de se comunicar com os meus mais velhos e mais velhas. Em conjunto com os alunos e alunas do estágio, desenvolvemos um trabalho que nos atravessou em um lugar muito especial e significativo, e, a meu ver, muito belo. Conversamos sobre a importância de se manter corpos pretos vivos e fazendo arte. Hoje, eu me reconheço enquanto homem preto com consciência racial, consciência de classe, não me recordo de quando era jovem ter me reconhecido como esse homem preto. A universidade e o Bando têm me possibilitando o real entendimento do que nós vivemos no nosso dia a dia no chão da nossa cidade.

Eu fui um menino dos anos 1990 e, como já mencionei, consumia muito da cultura *pop*, assim, não tive referências negras nessas produções, principalmente na cena cinematográfica e televisiva à qual eu tinha acesso. Hoje me vejo como um multiplicador dessa educação antirracista³ e busco levar para meus alunos o pensamento sobre representatividade e negritude, potencializando esses jovens atores e atrizes sobre a importância de se reconhecer e pensar de onde viemos e para onde vamos. É nesse sentido que eu dialogo com o pensamento de Gildete Rocha e Priscila da Cunha quando afirmam no artigo *Bando de Teatro Olodum: arte como ferramenta no combate ao racismo no contexto sociocultural brasileiro* que “A metodologia utilizada pelo Bando no processo de criação dramática como na criação dos seus personagens, são os referenciais da negritude, a partir do cotidiano de um povo baiano” (Rocha & Cunha, 2020, p. 5).

1.1 ESTUDOS E PESQUISAS: REFERENCIAL TEÓRICO

Durante a realização dos meus estágios compreendi que as oficinas de teatro na cidade de Pojuca são uma poderosa ferramenta no desenvolvimento cultural e social, pois observei que elas influenciam os jovens e adultos a desenvolverem suas ideias, suas emoções e visão crítica do mundo. Comparei o desenvolvimento de todos que tiveram acesso às oficinas de teatro, conduzidas por mim no estágio, e percebi o avanço em seus jeitos, falas e posicionamentos, que, no meu ponto de vista, foram positivos. A realização do trabalho se mostrou essencial em razão da lacuna que a cidade teve ao ficar sem um espaço para as atividades teatrais. Por isso afirmo que o movimento das oficinas de teatro é fundamental para a formação de futuros artistas da cena.

O teatro enquanto forma de expressão cultural e educacional, desempenhou um papel significativo no enriquecimento e desenvolvimento social, fortalecendo as habilidades e a criatividade das pessoas envolvidas. Através das oficinas de teatro, todos tiveram a oportunidade de explorar novas perspectivas, sendo convidados a olhar para o mundo de um ângulo mais sensível, a criar e fortalecer laços interpessoais. Nos meus estágios, trabalhei com os alunos alguns dos jogos teatrais que estão presentes no fichário de Viola Spolin (2001) como o “Jogo de identificação de objetos” que na sua descrição consta: Os jogadores ficam em pé no círculo, um deles é chamado para o centro, onde fica com as mãos para trás, de olhos fechados,

³ A educação antirracista, pautada na Lei 10.639/03 que torna obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas, é um dos mecanismos importantes para corrigir o cenário social e mudar a forma de educar o povo Brasileiro.

o professor põe um objeto real na mão do jogador, usando apenas o sentido do tato. Na sequência, o jogador deve identificar o objeto, quando o jogador identificar o objeto, pode olhar para ele, então outro jogador é chamado para o centro e recebe um novo objeto para identificar.

A partir desse e de outros jogos do fichário, pude detectar as principais habilidades e desenvolvimento artístico e criativo dos estudantes e trabalhei exercícios como “Ouvindo o Ambiente” que na sua descrição indica: O grupo todo permanece sentado, silenciosamente, de olhos fechados, por um minuto ou mais, ouvindo os sons do ambiente imediato. Os jogadores prestam atenção para os diferentes sons que há no ambiente. Trabalhando o jogo sensorial importantíssimo para o desenvolvimento dos estudantes conscientes do que estavam fazendo em cena. Nas próximas partes deste trabalho, irei descrever e refletir de forma crítica as experiências que vivenciei ao longo dos meus estágios, considerando o impacto delas na minha formação profissional como ator e professor de teatro.

No que se refere à conexão entre teatro negro, práticas docentes e educação antirracista, Mabel Freitas (2021) destaca a importância de um ambiente de ensino que respeite a cultura afro-brasileira. A autora acredita que o teatro pode ser uma ferramenta poderosa para promover uma consciência mais profunda e uma mudança social, ajudando a criar uma identidade cultural mais inclusiva e representativa. No estágio II podemos desenvolver uma ação nesse sentido como veremos a seguir, quando falarei do trabalho “Pretas de Angola”. Esse trabalho foi desenvolvido a partir da adaptação do livro “Tambores de Angola”, canalizado pelo médium Ângelo Inácio (2006), e apresenta uma perspectiva espiritual e cultural que ajuda a compreender o papel do teatro na valorização das tradições afro-brasileiras. Robson Pinheiro, o espírito-autor da obra, revela como essas narrativas se tornaram uma forma de crítica e afirmação da cultura negra.

Já por sua vez, a música “14 de maio” de Lazzo Matumbi e Jorge Portugal (2019), colaborou para a abordagem dos temas tratados durante o estágio III, cuja culminância aconteceu na Mostra de Estágios em ensino de teatro. A obra 14 de maio é muito importante para que se tenha uma memória coletiva viva, na luta para salvar a história negra. Essa canção traz várias questões sobre essa temática e enfatiza a importância de dar voz a histórias negras através dessa canção. A oficina de performance negra do bando também foi uma referência importante durante o estágio III. Nesse sentido, Gildete Rocha e Priscila Cunha (2020) analisam o Bando de Teatro Olodum como um exemplo prático de como a arte pode ser usada como ferramenta contra a discriminação racial. O estudo delas mostra várias formas pelas quais o grupo ajuda a promover a educação antirracista através do teatro, destacando o impacto social de suas ações.

Outras referências que colaboraram para a pesquisa foram: o estudo de Maíra Rosa (2021), que discute a relação entre o teatro e a comunidade, propondo ideias que integrem as práticas teatrais ao cotidiano escolar. Rosa acredita que esta abordagem pode promover o diálogo intercultural. Viola Spolin (1992) também contribuiu com as técnicas de improvisação e jogos teatrais que podem ser usados em ambientes educacionais para promover a espontaneidade e a criatividade nos alunos. E Liko Turle (2023), que faz uma análise aprofundada dos espetáculos negros contemporâneos, apontando para uma crítica às diferenças sociais e raciais que ainda existem na sociedade brasileira.

Todas essas referências contribuíram de maneira significativa para refletir neste trabalho sobre as minhas experiências de estágio que estão relatadas na sequência.

2 A ESTRADA - Desenvolvimento

A Escola Municipal Prof. Francisco Magalhães Neto de Ensino Fundamental foi a escolhida para o estágio I de observação, porque trata-se da primeira escola pública integral em que é ofertado teatro na sua grade de ensino, no município de Pojuca. Eu tenho um carinho enorme por essa instituição pois ela me homenageou no ano de 2022 com o projeto “Artista da terra”, onde eu, como artista, estive lá e foi um momento mágico de reconhecimento. Voltar naquela instituição como educador fortaleceu minha pesquisa artística e docente.

O processo de construção do estágio foi realizado no Ensino Fundamental anos finais, com as turmas de 6º e 7º ano. A professora regente Mariana das Virgens Lima foi a docente das aulas de Teatro que me acolheu. As aulas aconteceram às terças e quintas-feiras no horário vespertino. Na minha observação, percebi que alguns estudantes tinham muita dificuldade na leitura, alguns ainda estavam em processo de aprendizagem e, mesmo a escola oferecendo em sua grade curricular o teatro, não tinha na escola um espaço adequado para a realização das atividades teatrais, era uma sala de aula tradicional onde colocamos as cadeiras nas laterais e realizava as oficinas. O trabalho que a professora Mariana elaborou fez com que esses detalhes passassem despercebidos, pois nas atividades que observei os estudantes desenvolveram suas habilidades com discurso e argumentos por meio de jogos de improvisação.

A frequência e o desejo de aprender teatro eram nítidos no olhar dos estudantes, e o trabalho da professora Mariana em usar uma linguagem que mais se aproximava das vivências deles os cativou. Durante todo o percurso do meu primeiro estágio, a observação foi feita em dupla com Sérgio Lima que compartilhou comigo momentos de conhecimento e estudos; a todo momento queríamos “pôr a mão na massa”. No final do estágio auxiliamos a professora Mariana na produção audiovisual de um material que foi exibido para todos na escola. Esse material despertou em mim e em Sérgio o interesse pela possibilidade de utilizar novas ferramentas digitais, novas tecnologias no ambiente escolar.

2.1 TIJOLOS AMARELOS

A coragem e a responsabilidade que o estágio II propôs, de exercer a regência em sala de aula, foram desafiadoras. Realizar tal experiência no Colégio Municipal Presidente Castelo Branco, onde eu tive a oportunidade de cursar o Ensino Fundamental, foi muito relevante para mim. Essa instituição fica localizada no bairro Pojuca Nova, na cidade de Pojuca. Voltar ao Castelo Branco depois de dezessete anos, antes como estudante e agora um educador, para

somar nessa parcela desafiadora diária que é a educação, foi muito importante para minha caminhada. Ainda compartilhando com Sérgio Lima, ficamos com as turmas de Ensino Fundamental anos finais do 6º ao 9º ano. As aulas de teatro são ofertadas pela escola como complementação da carga horária no contraturno escolar. O estágio aconteceu em um período em que a instituição passava por mudanças significativas em suas instalações, todas as sextas-feiras aconteciam as aulas de teatro das 08h às 11h50min com a supervisão reforçada da professora Mariana das Virgens que pela Secretaria Municipal de Educação (SEDUC) do município foi autorizada a conduzir o desenvolvimento do estágio conosco.

Com a ideia adquirida na estrada, de utilizar as novas tecnologias para desenvolver no nosso estágio II, nos alinhamos ao projeto antirracista da escola, como condutor da nossa vivência e então iniciamos o trabalho com o protagonismo negro no ambiente escolar: “Preto nas telas”. Tudo foi analisado pela professora Mariana junto à coordenação pedagógica da escola, que já estava com esse projeto político pedagógico em andamento. A sala de aula para a realização do estágio foi itinerante o tempo todo e isso foi um ponto positivo pois a escola pôde vivenciar as artes cênicas, despertando o interesse em outros estudantes que no início não tinham tanta busca pelo teatro. Mas, a repercussão foi tanta que, ainda no decorrer do projeto, muitos quiseram aparecer nas telas. Nessa perspectiva, faço referência ao Teatro Experimental do Negro (TEN)⁴ pois a nossa ação na escola enegreceu aquele ambiente escolar. E é assim que compartilho com as reflexões de Gildete Rocha e Priscila da Cunha quando mencionam que:

Esse posicionamento de enegrecer os palcos é uma atitude assumidamente política-ideológica que dialoga com a história do TEN, no qual, o mesmo “rompeu com as barreiras estéticas e conceitos, debruçando-se de forma relevante sobre a negritude intrínseca, sem resvalar para aspectos meramente pitoresco ou histórico da raça (Rocha & Cunha, 2020, p. 06).

Baseado no romance “Tambores de Angola” de Robson Pinheiro, canalizado pelo Espírito de Ângelo Inácio (2006), criamos em conjunto com a escola e a comunidade “Pretas de Angola: uma diáspora de sororidade”. Trata-se de um curta-metragem⁵ realizado com grupo de estudantes inteiramente composto por meninas negras, sendo elas o centro da narrativa. Com o roteiro de Mário Alberto, ativista cultural de Pojuca e direção compartilhada entre mim e Sérgio Lima, é importante dizer que Pretas de Angola é de tirar o fôlego e traz reflexões de

⁴ De acordo com Rocha & Cunha (2020) o Teatro Experimental do Negro foi fundado em 1944 por Abdias do Nascimento, na cidade do Rio de Janeiro, e se tornou uma referência na luta histórica do movimento negro contra o racismo.

⁵ Disponível para acesso em: https://drive.google.com/file/d/1bVlq47VzEG_I2L_EgeR790YeFHd17N4-/view?usp=drivesdk

como é extremamente importante ter representatividades pretas nas produções audiovisuais e nos ambientes escolares.

Enriquecendo as telas com um cenário que corta a cidade de norte a sul, como a Fazenda São José do Cabôclo, que fica na comunidade de Central, a qual já foi palco de outras produções cinematográficas; o túnel do trem, que é centenário e também foi *set* de filmagens; e também o rio Pojuca, que atravessa a cidade, brilhou com suas correntezas. Com um figurino de todas as personagens bem trabalhado e com uma trilha sonora composta por lindas canções como “Cordeiro de Nanã” de Os Tingoãs, “Pretas de Angola” é uma potência e um modelo de projeto a ser seguido, acredito eu. No dia 24 de novembro de 2023 o curta-metragem foi exibido pela primeira vez no auditório da SEDUC em uma sessão recheada de emoções. O filme foi também exibido nas escolas João de Barro, Castelo Branco e Conselheiro Saraiva durante a jornada pedagógica de Pojuca; e na escola Laura Folly, na cidade de Dias D’Ávila - Bahia.

Figura 3. Bastidores da gravação do curta “Pretas de Angola”, no engenho velho, na Fazenda bairro de Central em Pojuca-BA, Atrizes, Sergio Lima e Iago Vazmendiny



Fonte: Acervo pessoal, outubro de 2023.

Todo projeto foi realizado com recursos próprios com os equipamentos como estabilizador e difusor até a captação de vídeos e edição feitas com o celular, tornando o projeto com custo zero em produção. Em paralelo, eu observei que as estudantes desenvolveram o interesse de buscar mais sobre a arte de atuar, não só dentro do teatro, mas também no cinema e no vídeo. Ao longo do estágio II pudemos observar que elas desenvolveram a concentração, a disciplina, as emoções, a respiração e, principalmente, o lado comunidade de compartilhar

com as outras colegas o conhecimento, praticando a sororidade⁶. Percebemos também que as estudantes não tinham uma consciência da diáspora africana⁷. Notamos que elas tinham muita dificuldade na leitura de textos. As oficinas de Teatro, as leituras dramáticas, as diárias nos ambientes de gravação, tudo isso contribuiu para reforçar a prática da leitura e interpretação de texto das estudantes.

Mesmo com alguns desafios de estar migrando para outros espaços o tempo todo, observei a força de vontade de cada uma ali, empenhada em aprender e participar. Foi uma experiência fantástica no sentido da transformação das pessoas envolvidas, tanto das estudantes como dos estagiários. Essa experiência, de reger aulas de teatro no Colégio Castelo Branco, me permitiu conectar-me com as minhas raízes pretas e olhar para as outras formas de educação, uma educação antirracista alinhada às artes cênicas. São por esses caminhos que eu chego a comungar com a ideia de luta apontada por Liko Turle (2023). O autor diz: “Lutar para se reapropriar do corpo preto, e produzir sua dramaturgia como autor e protagonista da própria história é fundamental” (Turle, 2023, p. 18). Essa perspectiva se estendeu no desenvolvimento do estágio seguinte como veremos adiante.

2.2 CIDADE DAS ESMERALDAS

A forma mais inteligente de combater o racismo nas escolas e na sociedade é com a educação antirracista. No estágio III desenvolvi aspectos desse tipo de educação com a seguinte provocação: “o que é ser preto no Brasil?”. O estágio aconteceu durante os meses de março e junho de 2024 na Secretaria de Cultura, Turismo, Esporte, Lazer e Juventude de Pojuca (SECTELJ), com a supervisão da Professora Mariana Lima que, conforme já mencionei, me acompanhou nesses três momentos de aprendizagem que foram os estágios. As oficinas do Núcleo de Iniciação Teatral (NIT), fazem parte de um projeto que acontece no programa do município desde o ano de 2018, em um ambiente não formal, gratuito para a comunidade. Iniciei os trabalhos com duas turmas, uma infantil e infanto-juvenil e a outra turma de jovens e adultos. As aulas aconteciam em dias de segundas e terças nos horários das 18hs às 19hs. Na sequência,

⁶ Compreendo por sororidade é a ideia de um movimento importante para desconstruir a rivalidade cultural entre mulheres e promover um sentimento de união.

⁷ É um termo utilizado para descrever o deslocamento em massa de um grupo étnico, cultural ou religioso de sua região de origem para diferentes partes do mundo. A Diáspora Africana, conhecida também como Diáspora Negra, é o nome dado ao evento sociocultural e histórico ocorrido no continente africano devido à imigração forçada, para fins escravagistas e que perdurou do período colonial ao final do século XIX, onde os que sobreviviam aos navios negreiros, aportando no Novo Mundo, eram privados, acima de tudo, da própria dignidade.

fiquei regendo apenas a turma de jovens e adultos pela demanda das atividades complementares no Bando de Teatro Olodum.

O trabalho aplicado no estágio III se deu de modo avançado, pois a professora Mariana já trabalhava com a turma havia dois anos. Ou seja, os alunos já tinham uma vivência com o teatro, e eu precisava somar, trazer uma metodologia na qual o corpo preto em cena falasse. No dia 18 de março eu fui apresentado à turma, foi tudo muito novo, pois eu não estava mais acompanhado de Sérgio Lima, que esteve comigo nos estágios I e II. A professora Mariana me deu autonomia de reger as aulas pois ela confiava em mim e já estava no processo há muito tempo comigo. Me apresentei, escutei a turma para conhecer cada um e cada uma, ouvir nomes, onde morava, o grau de escolaridade, conversei sobre como seria o nosso trabalho.

Aproveitei o momento para já iniciar as práticas com um exercício de expressão facial explicando o quanto é importante estar exercitando a musculatura da face. Pedi que começassem a massagear o rosto por completo, que cada um sentisse como é o formato das partes desse rosto, olhos, nariz, orelha, boca, o crânio. Em seguida, eu pedi para que todos fizessem caretas com o objetivo de utilizar todos os músculos do rosto e depois pedi para eles que eles imaginassem que estavam mascando vários chicletes ao mesmo tempo. Solicitei que imaginassem que estavam removendo o restinho do biscoito colado no fundo do dente. Pude observar que os estudantes estavam se divertindo, pois tinha quebrado o gelo. Comentei com eles que o músculo do rosto é o que menos exercitamos, e é necessário malhar ele todos os dias. Na minha percepção, a recepção dos estudantes foi bem positiva nesse primeiro encontro.

Planejando minhas aulas durante minhas pesquisas na internet encontrei uma ferramenta digital chamada “a roleta dos emojis”⁸, e com essa ferramenta desenvolvi no dia 25 de março um exercício de gamificação teatral que utilizou esse jogo e seus elementos, a roleta digital e os tradicionais emojis, que são representações gráficas de faces usadas para transmitir uma ideia, uma emoção ou um sentimento em uma conversa e que estão presentes nos teclados dos smartphones. O exercício foi um sucesso em sala, pois a interação foi cem por cento. Todos participaram. E funciona de uma forma bem simples: o jogador da rodada gira a roleta virtual com os emojis, quando a roleta para em um determinado emoji o jogador tem que expressar no rosto o mesmo sentido do emoji e imitá-lo. Os outros jogadores avaliam e dizem se o jogador conseguiu imitar bem o emoji. Foi muita diversão!

Figura 4. Oficina no NIT, estágio III, alunos e Iago Vazmendiny

⁸ Link da roleta digital dos emojis para realização do exercício gamificação teatral: <https://wordwall.net/pt/resource/32476673>



Fonte: Acervo pessoal, maio de 2024.

A respiração foi um ponto importante no meu trabalho, que intensifiquei por meio dos exercícios. Expliquei para os atores e atrizes a importância de fortalecer o diafragma, um músculo que é fundamental para a respiração. No dia 23 de abril apliquei o exercício de inspiração e expiração e expliquei que a inspiração é a entrada de ar, e a expiração é a eliminação desse ar chamado gás carbônico. A respiração é muito importante para o trabalho no teatro, pois ela é um ponto de partida dos sentimentos, das expressões em cena. E foi respirando que prosseguimos para outros ares!

2.2.1 Não há lugar como nosso lar

De modo simultâneo ao estágio III, iniciei meus estudos na Oficina de Performance Negra do Bando de Teatro Olodum em Salvador. Eu fui agraciado pelo universo por beber dessa fonte. O Bando é o grupo de teatro negro mais antigo em atividade na América Latina. O Bando é uma das entidades mais importantes do Brasil e do mundo para jovens pretos artistas. No dia 26 de março o meu coração estava em festa, porque eu estava em casa, eu estava com os meus mais velhos, meus pretos e pretas! Foi uma noite de forte representatividade, onde eu conheci pessoalmente pessoas integrantes do Bando como Dona Rejane Maya e a Doutora Mabel Freitas. Naquela noite despertou em mim o desejo de aplicar aspectos de educação antirracista no meu estágio III. Eu confesso que a distância geográfica não foi um problema, considerando que as aulas no Bando eram três dias na semana durante a noite. Eu utilizava o

serviço do transporte universitário público de Pojuca, pegava dois metrô e fazia uma caminhada de quinze minutos para chegar às oficinas. Foram três meses intensos e muito cansativos porque eu chegava em casa por volta da 01h da madrugada. Não há lugar como a casa da gente, essa frase faz tanto sentido, pois eu estava em casa no Bando. Segundo Régia Mabel Freitas (2021) no seu artigo “Teatro Negro brasileiro: Um Ilê de Práticas Formativas Antirracistas para a Educação Superior”:

O Bando é um insigne celeiro de difusão de saberes azeviches para artistas e plateias (artistas, militantes, pesquisadores, público em geral...), que utiliza múltiplas linguagens além do teatro poesia, performance, música, dança, audiovisual entre outras para conscienciosamente extirpar a chaga social chamada racismo. Essa companhia de Teatro Negro mais antiga da Bahia torna a caixa cênica uma caixa de ressonância que racializa um protesto antirracista através de seus espetáculos e demais atividades formativas negrorreferenciadas (Freitas, 2021, p. 227 e 228).

Nessa pesquisa compartilhei de muitos aprendizados. Dessa maneira, surgiu a ideia de utilizar a metodologia antirracista do Bando e trabalhá-la com os alunos do estágio III no NIT. Para montarmos a nossa apresentação para a mostra da disciplina, decidimos falar sobre o racismo no Brasil. Apliquei as técnicas que aprendi com o Bando de Teatro Olodum nas Oficinas de Performance Negras. No dia 09 de abril realizei na oficina no NIT um trabalho de fé cênica no qual fizemos uma roda e pedi para que todos se olhassem nos olhos um dos outros e que falassem uma palavra a partir da pergunta “o que é se preto no Brasil?”. As respostas foram: estatística, resistência, sobreviver etc. Solicitei que cada integrante passasse uns pelos outros falando as palavras, e experimentasse o olhar para transmitir uma verdade cênica com fé. Ali começou a surgir o experimento cênico “14 de maio”, um recital dramático com o roteiro de mesmo título da canção de Lazzo Matumbi: *“o dia 14 de maio, eu saí por aí, não tinha trabalho, nem casa, nem pra onde ir”*. A escolha para o texto chegou no momento exato, pois queríamos falar sobre o que acontece com a comunidade negra até os dias atuais, e os alunos se entregaram, e não soltaram minha mão.

Tivemos a visita de Karolaine Silva, nossa professora tutora no dia 21 de maio e foi um momento relevante junto ao processo que estávamos vivenciando com o NIT. No dia 12 de junho, gravamos nossa cena como a culminância do estágio com os olhos cheios de esperança. Durante as atividades tivemos vários momentos de conversa, de troca de experiências, principalmente com a montagem da mostra. Eu solicitei que eles e elas observassem as pessoas da comunidade onde eles moravam, e que percebessem o ambiente, o jeito como andavam, o cabelo, as roupas, o estilo musical que gostavam, como falassem nos mínimos detalhes, para

que desenvolvessem os seus personagens. Segundo Viola Spolin (1992) em “Sete Aspectos da Espontaneidade”:

Quando o aluno vê as pessoas e as maneiras como elas se comportam quando juntas, quando vê a cor do céu, ouve os sons no ar, sente o chão sob seus pés e o vento em sua face, ele adquire uma visão mais ampla de seu mundo pessoal e seu desenvolvimento como ator é acelerado. O mundo fornece o material para o teatro, e o crescimento artístico desenvolve-se par e passo com o nosso reconhecimento e perfeição do mundo e de nós mesmo (Spolin, 1992, p. 13).

A proposta era para que eles se enxergassem enquanto comunidade, e vissem no palco que esse corpo preto também é arte e referência para futuros jovens de suas comunidades. De acordo com Maíra Rosa (2021) em “O Teatro com Comunidade: Uma Proposta Pedagógica”:

A arte teatral, dentro dos processos educativos, exige um permanente diálogo que ultrapassa a mera questão das subjetividades pessoais e se insere nos sentidos comunitários e sociais vividos pelo arte-educador. E é, dentro destes preceitos, que se faz necessária uma reflexão a fim de fomentar a relevância do fazer teatral como prática educativa no contexto das comunidades, sejam elas rurais ou periféricas. (Rosa, 2021, p. 150-151).

Os atores e atrizes do estágio III eram todos negros e negras e de comunidades periféricas. Dialogamos muitos nessas rodas de conversa sobre as situações raciais do nosso país e da nossa cidade, principalmente da importância de colocarmos no poder público pessoas que se pareçam com a gente, pois representatividade também importa na política, assim como na arte.

O espetáculo “14 de maio”⁹ vem pautar o cenário do que aconteceu com a população negra um dia depois do 13 de maio de 1888, a assinatura da lei Áurea que declarou a “abolição” da escravização no Brasil. Durante as discussões e pesquisa da montagem da peça, analisamos a forte luta e resistência da comunidade preta ao sistema escravagista dos séculos passados até os dias de hoje. Como a cena foi toda gravada em vídeo, a apresentação foi online na Mostra de Estágio, no Polo de Alagoinhas-BA. Foi um momento muito importante, pois compartilhei com os colegas da UFBA muitas ideias e novas formas de montarmos peças teatrais em ambientes não formais.

Figura 5. Cena final do espetáculo “14 de maio” - Atrizes e Atores do NIT

⁹ Disponível para acesso em: https://drive.google.com/file/d/140K_-0pGqeK-nns8ohroQ8n_jVJu-N2e/view



Fonte: Acervo pessoal, outubro de 2023.

Concordando com as ideias de Licko Turle (2023) apontadas em “O Teatro Negro: Denúncias e Anúncios de um Mundo Inacabado”:

O Teatro Negro é comprometido com a sobrevivência e a existência do povo preto. O Teatro Negro é educador porque ao encenar os conflitos e os desejos das pessoas pretas, permite à comunidade a análise das dinâmicas do racismo estrutural e o ensaio de estratégias de luta e a prática da liberdade, mesmo que em ficção! (Turle, 2023, p 18).

No estágio III, elaborei e utilizei as metodologias de jogos teatrais que estimularam a expressão corporal e criativa, utilizei as metodologias que aprendi com o Bando de Teatro Olodum, fiz exercícios de improvisação, fizemos leituras dramáticas que potencializaram a expressão facial. Utilizei ferramentas como jogos eletrônicos, uma gamificação com elementos do jogo teatral, para que os alunos pudessem aprender a reconhecer e controlar suas próprias expressões faciais em cena de forma atrativa. A professora supervisora Mariana foi uma parceira nesse desenvolvimento, os alunos se permitiram mergulhar nesta aventura, os compartilhamentos durante a montagem da mostra foram um aprendizado enriquecedor.

Eu devolvi para minha comunidade o que eu aprendi na Universidade. um conhecimento que vai além das técnicas teatrais. Foi uma troca rica em experiências que fortaleceu laços comunitários e reafirmou a importância da cultura negra na formação da identidade dos alunos. Essa vivência ressaltou que o o teatro é ser uma ferramenta poderosa para a educação antirracista, promovendo diálogos, identidade e pertencimento. Nessas perspectivas compartilho com as ideias de Maíra Rosa (2021) ao afirmar que “quando utilizamos os

elementos que estão dispostos dentro da própria comunidade, o teatro consegue oportunizar formas que mesclam arte e ativismo social” (Rosa, 2021, p. 171). Ao articular a experiência do estágio III com a ideia de comunidade preta, percebi que não estamos apenas formando alunos e alunas, estamos cultivando cidadãos conscientes de sua história e cultura, prontos para expressar suas vozes em um mundo que muitas vezes tenta silenciá-las. O Teatro pode colaborar nesse processo de formação e de conscientização.

3 FRAGRÂNCIAS DE UMA AVENTURA: O QUE PERMANECE - Conclusão

Neste Trabalho de Conclusão de Estágio (TCE), eu pude rever a minha trajetória enquanto homem preto e artista de Pojuca-BA. No primeiro estágio de observação pude

perceber a importância do teatro dentro de uma sala de aula do Ensino Fundamental. Aprendi com a professora Mariana Lima novas possibilidades de incentivar os estudantes com o uso da tecnologia do audiovisual no ensino de teatro. No estágio II, junto com Sérgio Lima, apliquei na prática o uso de ferramentas digitais na produção audiovisual “Pretas de Angola” junto ao projeto de educação antirracista do Colégio Castelo Branco, “Pretos nas Telas”.

A participação na vivência no Bando de Teatro Olodum contribuiu para a realização de “14 de maio”, culminância do terceiro e último estágio. Nas minhas reflexões, dialoguei com os estudos de Mabel Freitas (2021); Gildete Rocha e Priscila Cunha (2020); Maíra Rosa (2021); Viola Spolin (2001, 1992) e Liko Turle (2023), além da música de Lazzo Matumbi e Jorge Portugal e o romance de Robson Pinheiro e Ângelo Inácio (Espírito) (2006), como inspiração para os trabalhos artísticos produzidos nos estágios e compartilhados com as comunidades das escolas, do NIT e da minha graduação.

A Licenciatura em Teatro a Distância da Universidade Federal da Bahia e o Bando de Teatro Olodum foram importantíssimos nesse meu processo de formação acadêmica, na minha construção. Hoje, me reconheço como um professor artista pesquisador preto que, durante muito tempo, tinha fome de aprender. Essa formação de educadores e artistas no campo do teatro tem uma importância fundamental e um poder transformador que vai além dos palcos, um verdadeiro espaço de diálogo e inclusão.

Cada oficina, cada aula, cada exercício cênico ecoou de forma positiva nessa jornada de estudos da Licenciatura em Teatro. De certa forma, o curso de Licenciatura em Teatro a distância é novo e o novo precisa ser incentivado. Fazer parte desse experimento que ainda é piloto, pois se trata da primeira turma, foi a experiência mais extraordinária de toda minha existência, e concluo que é possível sim estudar teatro na modalidade da educação a distância.

Os estágios foram uma fase de grande contribuição para minha formação pois tive que aplicar tudo aquilo que aprendi na Licenciatura EAD. Tive que lidar com a tecnologia e a falta de um computador para a realização das tarefas, mas minha persistência e coragem gritaram mais alto, e com fé cheguei até aqui! Desejo continuar minha pesquisa entrando num programa de pós-graduação em artes cênicas, para fortalecer meus estudos, minha trajetória de luta como artista preto e agora como professor multiplicador de tantos aprendizados que absorvi nesses caminhos.

REFERÊNCIAS

Freitas, Régia Mabel da Silva. Teatro negro brasileiro: Um Ilê de práticas formativas antirracistas para a educação superior. **Kiri-kerê: Pesquisa em Ensino**, Vitória – ES, Dossiê

n.7, nov. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/kirikere/article/view/35808> Acesso em 24 ago 2024.

Inácio, Ângelo [Espírito] **Tambores de Angola**: romance mediúnico/ pelo espírito de Ângelo Inácio; psicografado por Robson Pinheiro. 2. Ed. Contagem-MG: Casa dos Espíritos, 2006.

Matumbi, Lazzo; Portugal, Jorge. 14 de maio. *In: Lazzo Matumbi*, vol. 1, 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9AL6F_IbnGU Acesso em 07 maio 2024.

Rocha, Gildete Paulo; Cunha, Priscila Borges da. Bando de Teatro Olodum: arte como ferramenta no combate ao racismo no contexto sociocultural brasileiro. **Revista Encantar - Educação, Cultura e Sociedade** - Bom Jesus da Lapa, v. 2, p. 01-13, jan./dez. 2020. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/encantar/article/view/8830> Acesso em 03 set 2024.

Rosa, Maíra. O teatro com comunidade: uma proposta pedagógica. **Cadernos CIMEAC**, Uberaba-MG, v. 11, n. 2, p. 150-173, 2021. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/cimeac/article/view/4923> Acesso em 10 jul 2024.

Spolin, Viola. **Jogos teatrais**: O fichário de Viola Spolin. São Paulo: Perspectiva, 2001.

Spolin, Viola. Sete aspectos da espontaneidade. *In: Improvisação para o Teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

Turle, Liko. Teatro negro: denúncias e anúncios de um mundo inacabado. **Olhares** – Escola Superior de Artes Célia Helena, São Paulo - SP, v. 9, n. 1 e 2, p. 08-19, 2023. Disponível em: <https://olhahesceliahelena.com.br/olhares/article/view/183/130> Acesso 23 set 2024.